

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A experiência da coabitação na etapa de formação do casal

Dissertação de Mestrado

Giovanita Mitie Maesima Cunha

Porto Alegre

Maio/2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A experiência da coabitação na etapa de formação do casal

Giovanía Mitie Maesima Cunha

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau em Mestre em Psicologia,
sob orientação da Profa. Dra. Adriana Wagner

Porto Alegre
Maio/2021

AGRADECIMENTOS

A finalização de mais uma importante etapa do mestrado é uma conquista que merece ser compartilhada com diversas pessoas que me apoiaram e contribuíram, cada uma à sua maneira, em todo este percurso. A vocês, o meu mais sincero agradecimento:

Primeiro, agradeço aos casais que se disponibilizaram a participar deste estudo. Agradeço a confiança em compartilhar um pouco de suas histórias de vida comigo. Me senti presenteada no espaço de escuta e investigação que a pesquisa qualitativa, por vezes, proporciona. Suas histórias me encantaram e me ensinaram muito! Elas retratam, como bem disse uma participante, as nuances da relação na vida real, ilustrando as dores e delícias desta experiência.

Às professoras Daniela Levandowski, Débora Dell’Aglío e Denise Falcke, pelas generosas contribuições desde a banca de qualificação do projeto de dissertação. Certamente, este trabalho ganhou novos contornos que o aperfeiçoaram muito! É uma honra e um privilégio aprender com pessoas que eu tanto admiro!

A minha querida orientadora, Adriana Wagner, por ter aceitado me orientar e ter contribuído tanto para o meu desenvolvimento profissional durante os últimos dois anos. É um grande privilégio seguir aprendendo contigo e integrar o Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares. Assim, também demonstro minha gratidão aos colegas do núcleo: Anderson, Angélica, Bruno, Camila, Fabrício, Jonas, Leda, Marina e Rosita. As parcerias, aprendizados e trocas estão registrados com muito afeto.

À Patrícia Santos, pelo cuidadoso trabalho nas consultorias de análise qualitativa. Sua atenção e generosidade em ensinar são lembradas com muito carinho e gratidão. Certamente contribuíram enormemente para a realização e aperfeiçoamento deste estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, estendendo aos professores e colegas com quem tive a oportunidade de aprender e trocar diversas experiências. Um agradecimento especial à Amanda, à Fernanda, à Francielle, ao Mauricio e à Sara pelo ativo apoio na divulgação da pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão de bolsa de estudos durante o período do mestrado, possibilitando, assim, a dedicação exclusiva às tarefas relacionadas a pós-graduação.

Aos meus familiares, em especial, a minha mãe, Cacilda, e a minha querida irmã, Rafaela. Vocês são fonte de alegria, amor e apoio para mim! Tenho muito orgulho e sorte em ter mulheres tão admiráveis como referência em minha vida. Ao meu padrasto, Heitor, que eu admiro e sinto muito alegria em conviver!

Ao meu namorado, Roberto, que agora denomino como companheiro (outro aprendiz advindo dos participantes). Sou muito grata por compartilharmos nossa vida juntos. Nesta jornada tenho aprendido na prática um pouco mais sobre a tal da coabitação. Agradeço pelo carinho, paciência e companheirismo. Sem você, a realização dos estudos durante este difícil momento que vivemos seria muito mais desafiador. De todo o coração, o meu muito obrigada!

Também registro meus agradecimentos aos meus sogros, Roberto e Vânia, estendendo aos cunhados Marina e Erik. A torcida e o apoio de vocês muito me alegam. Obrigada pela acolhida e todo o carinho de sempre!

Às amigas que me acompanham desde a graduação na Universidade Federal de Santa Catarina: Beatriz, Francine, Giulia, Julia, Maria Luiza, Marina, Priscila, Sara e Victoria. Sinto muitas saudades de estar próxima fisicamente de vocês. Agradeço a torcida e apoio ao longo de tantos anos!

Aos amigos que conheci em Porto Alegre, que tornaram a vida nesta nova cidade muito mais prazerosa: Amanda, Bruno, Isabela e Rafael. É um grande privilégio acompanhar suas trajetórias. Espero que logo possamos nos abraçar novamente!

*“Noite após noite, exaustos, lado a lado,
digerindo o dia, além das palavras
e aquém do sono, nos simplificamos,*

*despidos de projetos e passados,
fartos de voz e verticalidade,
contentes de ser só corpos na cama;*

*e o mais das vezes, antes do mergulho
na morte corriqueira e provisória
de uma dormida, nos satisfazemos*

*em constatar, com uma ponta de orgulho,
a cotidiana e mínima vitória:
mais uma noite a dois, e um dia a menos.*

*E cada mundo apaga seus contornos
no aconchego de um outro corpo morno.”*

(Acalanto - Paulo Henriques Britto).

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E FIGURAS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO II: A TRANSIÇÃO PARA A COABITAÇÃO EM CASAIS DE ADULTOS JOVENS	19
Resumo	19
Abstract.....	19
Método.....	22
Resultados	24
Discussão	32
Considerações finais.....	37
Referências.....	38
CAPÍTULO III: A QUALIDADE CONJUGAL EM CASAIS QUE VIVEM A ETAPA DE FORMAÇÃO DO CASAL POR MEIO DA COABITAÇÃO.....	42
Resumo	42
Abstract.....	42
Método.....	46
Resultados	49
Discussão	55
Referências.....	60
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS.....	70
Anexo A – Relato dos casos apresentados no Capítulo II (Artigo 1).....	70
Descrição do Casal A: Amanda e André.....	70
Descrição do Casal B: Bárbara e Bernardo	76
Descrição do Casal C: Claudia e César	82
Descrição do Casal D: Diana e Daniel	88
Símbolos do genograma	93
Referências.....	94
Anexo B – Questionário sociodemográfico	95
Anexo C – Roteiro de entrevista semi-dirigida com o casal	97

Anexo D – Roteiro de entrevista semi-dirigida individual	100
Anexo E - Parecer do Comitê de Ética	103
Anexo F - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	107

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

CAPÍTULO II

Tabela 1 - Caracterização dos participantes.....	22
Figura 1 - Representação do mapa temático.....	24

CAPÍTULO III

Tabela 1 – Caracterização dos participantes.....	46
Figura 1 – Representação do mapa temático.....	49

RESUMO

Esta Dissertação objetivou compreender como casais de adultos jovens vivenciam a etapa de formação do casal por meio da coabitação. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo que derivou em dois artigos. O primeiro investigou a transição para a coabitação experienciada, pela primeira vez, por quatro casais heterossexuais, sem filhos, residentes em Porto Alegre. Foram feitas entrevistas conjuntas e individuais, em dois momentos distintos. A partir da análise temática reflexiva realizada, pode-se compreender como ocorreu o processo de decisão pela coabitação; os principais desafios e tarefas enfrentados no período adaptativo; o crescimento oportunizado a partir desta experiência; e os aspectos considerados favorecedores da adaptação à coabitação. O segundo artigo se propôs a descrever a qualidade conjugal de oito casais em coabitação que estavam na etapa de formação conjugal, a partir das dimensões: satisfação, intimidade, afetividade, sexualidade e compromisso. Os 16 participantes estavam em um relacionamento heterossexual, não tinham filhos e residiam em Porto Alegre e região. A análise das entrevistas conjuntas, feita por meio da análise temática dedutiva, indicou que os casais se sentiam satisfeitos com seus relacionamentos e apresentavam indícios de bons níveis de qualidade conjugal. Estes foram verificados por meio do desejo de permanecer e investir no relacionamento, pelo senso de intimidade compartilhado e a partir das expressões de afeto e cuidado com o parceiro. As conclusões gerais da Dissertação destacam que, a partir de uma perspectiva desenvolvimental, a coabitação pode ser incorporada como a primeira etapa do ciclo vital do casal para aqueles que a experienciam antes ou no lugar do casamento. A elaboração desta Dissertação apontou a importância de incluir a coabitação ao versar sobre a formação do casal e da família, além de evidenciar a necessidade de ampliar as investigações nacionais sobre a coabitação, dada a crescente popularização deste tipo de relação.

Palavras-chave: Coabitação; Relações conjugais; Dinâmica de casal; Jovens; Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

This Dissertation aimed to comprehend the couple formation stage of young adults through cohabitation. To accomplish that, a qualitative study was conducted which derived in two articles. The first investigated the transition to cohabitation of four heterosexual couples, without kids, living in Porto Alegre. Individual and joint interviews were conducted, in two distinct moments. The reflexive thematic analysis demonstrates how the decision process for cohabitation took place; the main challenges and tasks faced in the adaptative period; the growth opportunized from that experience; and the aspects considered favorors of adaptation to cohabitation. The second article aimed to describe the expression of marital quality of eight couples in cohabitation that were in the couple formation stage, through the dimensions of satisfaction, intimacy, affection, sexuality, and commitment. The 16 participants were in a heterosexual relationship, did not have children and lived in Porto Alegre and region. The joint interview analysis, done through deductive thematic analysis, indicated that couples were satisfied with their relationships and presented cues of high marital quality. Those were verified through the desire to stay and invest in the relationship, by the sense of shared intimacy, and from expressions of affection and care with the partner. The general conclusions of the Dissertation highlight that, from a developmental perspective, cohabitation can be incorporated as the first stage of the couples' life cycle for those who live together before or instead of marriage. The elaboration of this Dissertation pointed out the importance of including cohabitation in discussions about couple and family formation, in addition to highlighting the need to expand national studies on cohabitation, given the rising popularity of this type of relationship.

Keywords: Cohabitation; Marital relations; Couple dynamics; Young adults; Qualitative research.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas, tem-se verificado uma ampliação dos arranjos das relações amorosas, que vão desde as mais efêmeras, como o “ficar”, até as mais tradicionais, como o casamento civil e religioso. Além dessas configurações, outros tipos de relacionamentos coexistem, como, por exemplo: o namoro, o noivado, o recasamento, a coabitação, a união estável, o poliamor e até mesmo as relações virtuais. Essa multiplicidade de possibilidades foi denominada por Féres-Carneiro e Ziviani (2009) como conjugalidades¹ contemporâneas, no plural. Dentre todas essas possibilidades de relacionamento, o estudo desenvolvido tem seu foco na coabitação, a qual tem se popularizado tanto no Brasil (Menezes & Lopes, 2007; Ramm & Salinas, 2019) como internacionalmente (Brown, Manning, & Payne, 2017; Lamidi, Manning, & Brown, 2019; Sassler & Lichter, 2020).

A coabitação está definida como a co-residência de parceiros que não oficializaram sua união por meio de rituais civis e/ou religiosos (Wainberg, Pereira, Hutz, & Lopes, 2010). A difusão deste arranjo tem sido tão extenso, que alguns autores (Brown, 2004; Menezes & Lopes, 2007) sugerem que deve ser incluído como uma etapa do ciclo vital do casal. No Chile, a coabitação é o tipo de relação mais frequente, ultrapassando o casamento. Verifica-se tal tendência em diversos países da América Latina (Ramm & Salinas, 2019), assim como em outros países industrializados e ocidentais (Manning, 2020; Menezes & Lopes, 2007; Perelli-Harris & Lyons-Amos, 2015; Ramm & Salinas, 2019; Sassler & Lichter, 2020).

A literatura clássica sobre o ciclo vital familiar (McGoldrick, Preto, & Carter, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016; Ríos-González, 2011) refere como primeira etapa a emancipação do jovem adulto solteiro, seguida da formação do casal. Esta segunda etapa diz respeito, principalmente, à construção da conjugalidade, podendo, neste sentido, ser relacionada ao início da coabitação para alguns casais. Esta é uma das fases mais complexas do ciclo vital, a qual envolve diversos desafios e tarefas aos parceiros, como: o fortalecimento dos laços emocionais e de compromisso entre o casal (Ríos-González, 2011), o equilíbrio das dimensões da individualidade e da conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998), a diferenciação entre os movimentos de fusão e a sensação de intimidade (McGoldrick, 2016), entre outros.

A etapa de formação do casal foi denominada por Ríos-González (2011) como a forja do casal. O período definido como forja sucede o estágio do namoro (encontro do casal) e

¹ A conjugalidade pode ser compreendida como a construção de uma realidade comum do casal. Neste processo, cada parceiro reformula a própria realidade, ao mesmo tempo em que constrói referências compartilhadas entre si e uma identidade do casal (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010).

demanda grande investimento e trabalho da díade. Nela, o casal deverá decidir que práticas de suas famílias de origem desejam manter ou modificar, para, então, ser possível criar o sistema familiar do casal. Outro importante objetivo é adquirir a consciência de ser esposo(a), alocando em outro lugar o papel de filho(a). Caso isso não seja alcançado, a relação pode fracassar, devido a uma frágil independência do novo sistema em relação às suas famílias de origem.

Na compreensão do processo de formação do casal é usual incluir a família de origem dos sujeitos envolvidos, especialmente no que tange às fronteiras e diferenciação entre os sistemas de origem e aquele que se forma. Nesta perspectiva, estudos mais recentes com amostras brasileiras (Rosado, Barbosa, & Wagner, 2016; Scorsolini-Comin, Fontaine, Barroso, & Santos, 2015) têm investigado a influência da percepção sobre a conjugalidade dos pais na construção da conjugalidade dos filhos. Assim, destacam a transmissão intergeracional familiar relacionada, mais precisamente, a aspectos conjugais. As influências do modelo intergeracional de casal podem ser observadas precocemente:

Antes mesmo do encontro amoroso, podemos afirmar que existe no psiquismo de cada parceiro um lugar para a organização da conjugalidade. Esse lugar reúne a pré-história e a história do sujeito, seus ideais de conjugalidade, as imagens e fantasias sobre a conjugalidade de seus pais e de seus antepassados que irão se engendrar no futuro eu conjugal (Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães, 2007, p. 254).

Verifica-se que a conjugalidade dos pais é uma importante variável a ser considerada nos estudos de casais. Investigar a reverberação intergeracional dos modelos de casais possibilita compreender a relação conjugal de forma mais complexa.

Ademais, vários outros desafios se apresentam durante a etapa de formação do casal, como: a organização das tarefas domésticas, o manejo do dinheiro, a programação das atividades de lazer, o planejamento dos projetos compartilhados, entre outros. Algumas pesquisas nacionais, a partir de estudos de casos, investigaram casais na etapa de formação conjugal (Heckler & Mosmann, 2014, 2016; Oliveira & Krug, 2011).

Heckler e Mosmann (2014, 2016) avaliaram casais de dupla carreira, em união estável ou casados, no que diz respeito à formação conjugal, papéis, trabalho e projetos de vida. Os principais resultados apontam a brevidade do período de namoro, que antecedeu a coabitação; a falta de tempo livre como uma das principais dificuldades dos casais; e a similaridade de seus projetos de vida, que se direcionaram principalmente ao desenvolvimento profissional e acúmulo de bens (Heckler & Mosmann, 2014). Apesar das dificuldades, esses casais apresentaram altos níveis de qualidade conjugal (Heckler & Mosmann, 2016).

O estudo de Oliveira e Krug (2011), por sua vez, analisou apenas um caso, buscando compreender o processo de formação da identidade conjugal de um par casado. Destacou-se o relato das dificuldades e desafios relacionados à fase de formação, que incluíram a adaptação

inicial ao(à) parceiro(a), a compreensão das diferenças entre as dinâmicas das famílias de origem, bem como da rotina de cada um. Notou-se uma predominância de relatos sobre as variadas adaptações vivenciadas pelo casal.

Com relação ao tema da coabitação, verifica-se que as pesquisas brasileiras ainda são muito incipientes. Apenas três estudos (Abreu & Almeida, 2015; Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Menezes & Lopes, 2007) versam de modo mais específico sobre a coabitação, considerando o contexto brasileiro. O estudo de Abreu e Almeida (2015) investigou as percepções de quatro homens cariocas, entre 25 e 40 anos, sobre a coabitação. A partir de suas próprias experiências, os participantes relataram compreender tal arranjo como um período de experimentação da vida à dois, que permite aumentar o grau de comprometimento do namoro e, ao mesmo tempo, estabelecer uma relação mais flexível que o casamento. Ainda, predominou entre eles a ideia de que cabe aos homens ser o principal provedor financeiro do lar.

Outro estudo realizado com uma amostra carioca, de cinco mulheres, entre 27 e 37 anos, analisou qualitativamente suas relações amorosas, que foram denominadas de “namorido”. Esta relação de co-residência seria marcada pela celeridade em que se inicia e se dissolve, assim como pela busca da satisfação individual imediata, alinhando-se, segundo as autoras, às tendências das relações amorosas - mais fluidas e efêmeras – retratadas nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, foi verificado que as participantes consideravam seus relacionamentos comprometidos, notando similaridades entre a relação de namoro e de casamento (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011). Assim, a percepção das participantes sobre o comprometimento da relação parece contrapor a definição dada sobre a relação de namoro.

Menezes e Lopes (2007) analisaram a transição para o casamento de dois casais que coabitaram e dois que não coabitaram antes do casamento. Este estudo, qualitativo e longitudinal, verificou que os casais que coabitaram tiveram avaliações mais estáveis sobre a sua relação antes e depois do casamento e apresentaram projetos parentais mais concretos. Com relação ao tema das famílias de origem, foi predominante a necessidade de diferenciação entre o novo sistema e o sistema familiar de origem.

Em função da proximidade de contexto, alguns estudos latinoamericanos são bastante úteis para a compreensão do fenômeno da coabitação. Na América Latina, as uniões de coabitação integram a vida familiar há séculos e estiveram negativamente associadas à escolaridade, sendo mais frequentes em casais de renda e escolaridade mais baixos (Martín, García, & González, 2008; Ripoll-Nuñez & Cifuentes Acosta, 2019). Porém, um estudo chileno recente revelou que casais de outros níveis socioeconômicos também estão seguindo esta mesma tendência. Assim, a coabitação atualmente mostra-se como uma alternativa inclusiva a todas os níveis

socioeconômicos. O casamento, por sua vez, segue cada vez mais atrelado às elites, permanecendo como uma evidência de *status* (Ramm & Salinas, 2019).

Ao comparar o processo de formação conjugal e de constituição familiar na América Latina com o dos Estados Unidos ou de outros países desenvolvidos, notam-se tendências distintas. Nos países desenvolvidos, a coabitação tem sido compreendida como um meio mais frequente de iniciar o processo de formação de uma família somente desde os últimos 30 anos (Manning & Smock, 2005; Ripoll-Nuñez & Cifuentes Acosta, 2019). Esta diferença é explicada analisando a sociedade desde os tempos coloniais. Durante este período, foi imposta uma política de segregação racial, que repercutiu na proibição do casamento inter-racial pela Igreja Católica e pela monarquia espanhola. Buscava-se, assim, permitir o casamento somente entre homens e mulheres brancos. A concentração de renda e de poder ficou circunscrita aos homens brancos da elite, e desde esta época, o casamento já se restringia à pessoas com melhores condições econômicas (Ramm & Salinas, 2019).

Somado a isso, havia uma escassez de mulheres brancas, ainda mais considerando que muitas delas ficaram excluídas da vida pública, devido a ordens de seus pais. Enquanto tais moças raramente eram vistas, as mulheres escravizadas ou nativas eram mais numerosas. Diante deste cenário, foi imposta uma violenta predação sexual das mulheres negras. Apesar de esta prática ter se iniciado com os homens brancos, posteriormente passou a ser exercida por homens de outras etnias/raça e níveis socioeconômicos. Neste contexto, dois tipos opostos de família se desenvolveram: a elitizada e branca, e a das massas de outras etnias/raça. A partir destas raízes, a coabitação herdou as características de uma relação informal e instável, tornando-se predominante entre os mais economicamente desfavorecidos, enquanto o casamento formal se vinculou às elites (Ramm & Salinas, 2019).

Os estudos internacionais – considerando outros contextos, além do latino-americano - são mais abundantes. Percebem-se diferenças segundo o contexto em que a coabitação ocorre, na medida em que a cultura e a aceitação da coabitação repercutem na vivência dos casais. Pirani e Vignoli (2016) investigaram na Itália a satisfação com a vida familiar, a partir da análise de censos nacionais representativos, executados entre 1993 e 2013. Verificaram que a diferença dos níveis de satisfação entre pessoas casadas e em coabitação foi diminuindo ao longo do tempo. Até 2010, a satisfação com a vida familiar dos casados superava a dos coabitantes. Contudo, a partir de 2011 tal diferença não foi mais observada. Esta mudança foi atribuída à difusão da coabitação no país. As autoras sugerem que a disseminação da coabitação influenciou no aumento de sua aprovação e legitimação, reverberando, conseqüentemente, no aumento da satisfação entre os coabitantes.

Além do registro italiano, outros países também indicaram maior aceitação da coabitação. A Noruega possui um posicionamento bastante liberal, onde o casamento e a coabitação são considerados como muito semelhantes (Perelli-Harris et al., 2014; Røsand, Slinning, Røysamb, & Tambs, 2014). Uma pesquisa realizada em 21 países industrializados, sendo a maioria europeus, seguidos de países da Oceania, Japão e Estados Unidos, ao longo de 11 anos, informou que as atitudes, em geral, direcionaram-se à desinstitucionalização do casamento (Treas, Lui, & Gubernskaya, 2014). Isto significa uma diminuição de visões convencionais, verificadas por meio da maior aceitação de relações alternativas ao casamento, como a coabitação e a criação de filhos fora do casamento, por exemplo. Nos Estados Unidos, atitudes favoráveis à coabitação por parte dos jovens adultos também foram identificadas (Rogers, Willoughby, & Nelson, 2015). As investigações das atitudes são relevantes por indicarem se houve mudanças nas normas sociais. Isto porque as atitudes não geram mudanças de ordem social, mas as espelham e auxiliam a consolidá-las (Ramm & Salinas, 2019).

Outro aspecto contextual que influencia de modo importante o processo de formação conjugal é o socioeconômico. O aumento da idade média para casar, observado em diversos países (Manning, Smock, & Fetto, 2019; Ríos-González, 2011; Sassler & Lichter, 2020) pode ser associado a isso, devido ao custo implicado no casamento, seja para a realização da cerimônia festiva ou para a aquisição de um imóvel ou de outros bens materiais que os casais julguem pertinentes. Sob esta perspectiva, o casamento não estaria necessariamente sendo rejeitado, mas postergado a um estágio mais avançado da vida a fim de conquistar maior estabilidade na relação ou em termos financeiros (Kroeger & Smock, 2014; Perelli-Harris et al., 2014; Ramm & Salinas, 2019; Sassler & Lichter, 2020). A coabitação, por sua vez, não teria tais demandas financeiras, o que condiz com o fato de a idade média da coabitação ser menor que a do casamento (Manning et al., 2019).

Nos Estados Unidos, as diferenças nas trajetórias de formação conjugal relacionadas a aspectos socioeconômicos reverberam também no fato de que o casamento é menos acessível a uma grande parcela da população (McGoldrick, 2016; Sassler & Lichter, 2020; Smock & Schwartz, 2020). Assim, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade das formas de constituição da conjugalidade estão imbricadas nas diferenças culturais e mudanças de valores, também encobrem mecanismos sutis da desigualdade socioeconômica, que moldam e influenciam os comportamentos mais íntimos (Sassler & Lichter, 2020). O estudo de Manning et al. (2019) exemplifica essa influência, ao notar que a quantidade de mulheres de baixa renda que coabitam supera a quantidade que indicou ter expectativas de coabitar. Desse modo, uma parcela dessas mulheres inicia a coabitação, apesar de não a ter almejado anteriormente. Os autores revelam

que tais diferenças parecem se relacionar mais a restrições estruturais e socioeconômicas do que às idealizações e expectativas das mulheres investigadas.

Dentre as coabitações que evoluem para o casamento, verifica-se que foram associadas, com frequência, a maiores taxas de dissolução conjugal (Jose, Daniel O’Leary, & Moyer, 2010; Rosenfeld & Roesler, 2019). A pesquisa de Rosenfeld e Roesler (2019), por exemplo, indicou que, entre coabitantes, havia menos riscos de dissolução do casamento no primeiro ano. Entretanto, após esse período, aqueles que se casaram sem coabitar apresentaram menores taxas de divórcio. Por outro lado, uma pesquisa que avaliou um censo americano realizado entre 2006 e 2008, apontou que, depois da década de 1990, a coabitação pré-marital não mais se relacionou com a dissolução conjugal, demonstrando que tal influência não é linear (Manning & Cohen, 2012). Finalmente, estudos mais recentes apontam que, na atualidade, as evidências indicam que a coabitação não parece influenciar nem positivamente, nem negativamente para a estabilidade do casamento (Manning, 2020; Sassler & Lichter, 2020). O fato de o fenômeno da coabitação estar transitando para um patamar cada vez mais aceito socialmente contribuiu para essa variedade de resultados (Kroeger & Smock, 2014). Assim, é possível que, quando a coabitação não era tão normativa, os casais se diferenciavam mais dos casados do que atualmente.

Embora as informações dos artigos americanos elucidem diversos aspectos relacionados ao fenômeno da coabitação, deve-se fazer considerações acerca de algumas questões contextuais. Conforme apontado por Sassler e Lichter (2020), os Estados Unidos são um *outlier*, isto é, uma exceção, em alguns pontos referentes à formação conjugal. Nesse país, a coabitação se assemelha menos ao casamento do que em outros países desenvolvidos, sendo menos estável, com menor duração e com menos propensão a se tornar um casamento. Além disso, apesar de a maioria das pessoas eventualmente se casar, é também o país com maior taxa de divórcio nas sociedades ocidentais (McGoldrick, 2016). Os aspectos socioeconômicos e étnico-raciais parecem ter mais influência na trajetória da formação conjugal nesse país. Portanto, essas características devem ser consideradas ao analisar os dados de pesquisas americanas, que concentram grande parte das produções acadêmicas sobre coabitação (Sassler & Lichter, 2020).

Constata-se que a coabitação é um fenômeno heterogêneo, com diversas nuances e variáveis, que complexificam as investigações sobre esse tema. Os estudos sobre formação de relacionamentos, seja por meio do casamento ou da coabitação, demonstram grande complexidade, em função dos variados significados que estas relações podem assumir, dependendo do país, da cultura, da etnia/raça, gênero. Este cenário aponta novos desafios para as pesquisas a respeito deste fenômeno na atualidade (Sassler & Lichter, 2020). Além disso, a

expressiva popularização da coabitação como uma das etapas do ciclo evolutivo do casal destaca ainda mais a relevância de investir em pesquisas sobre esse fenômeno.

Apesar da popularização desse arranjo conjugal, há uma insuficiência de informações que permitam conhecer as peculiaridades da experiência de coabitação no Brasil e o significado deste período no estabelecimento e/ou forja do vínculo de conjugalidade dos envolvidos. É essencial aos profissionais de saúde que trabalham com casais compreender o contexto de ausência de modelos de referência que cerca o fenômeno, bem como as dificuldades que os coabitantes podem enfrentar para definir como seus relacionamentos evoluem e suas possíveis incertezas quanto ao futuro (Gold, 2012). Considerando tais aspectos e a escassez de pesquisas nacionais sobre o tema, o objetivo deste trabalho é o de compreender como casais de adultos jovens vivenciam a etapa de formação do casal por meio da coabitação.

Esta Dissertação está inserida na linha de pesquisa “Relações conjugais: conflito, diversidade e qualidade conjugal”, do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, coordenado pela professora Adriana Wagner. O presente documento está composto por dois artigos empíricos, sendo o primeiro intitulado “A transição para a coabitação em casais de adultos jovens”. Este artigo versa sobre a transição para a coabitação, relatando desde a decisão dos casais de morar juntos até a vivência do período adaptativo à coabitação. Para tanto, quatro casais, entre 23 e 32 anos, sem filhos, em primeira união, residentes em Porto Alegre foram entrevistados. As entrevistas ocorreram em dois momentos distintos: primeiro, o casal foi entrevistado conjuntamente e depois, foram feitas as entrevistas individuais separadamente. A partir do conteúdo coletado, realizou-se a análise temática reflexiva (Braun, Clarke, Hayfield, & Terry, 2019), que gerou três temas: Processo de decisão da coabitação, Processos adaptativos à coabitação e Aspectos favorecedores da adaptação. No Anexo A, consta um relato mais detalhado sobre os casais participantes deste estudo.

O segundo artigo denominado “A qualidade conjugal em casais que vivem a etapa de formação do casal por meio da coabitação” dedicou-se a descrever a qualidade conjugal de oito casais, entre 23 e 35 anos, sem filhos, em coabitação. Os critérios de seleção utilizados foram ampliados, de modo que possibilitou incluir um maior número de participantes, sendo que alguns deles tinham experiências prévias de coabitação. As entrevistas conjuntas realizadas foram analisadas por meio da análise temática de orientação dedutiva (Braun et al., 2019). A Escala de Qualidade Conjugal (Delatorre & Wagner, no prelo), elaborada por uma pós-doutoranda do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares serviu como referência para a elaboração dos temas e códigos de análise a priori. Assim, a qualidade conjugal foi avaliada a partir das cinco dimensões descritas no instrumento: satisfação, intimidade, afetividade, sexualidade e compromisso.

Finalmente, apresenta-se as principais conclusões da Dissertação e algumas considerações finais obtidas a partir da elaboração dos três capítulos, que compõem este trabalho. Nesta seção, também são discutidas as limitações e indicações de estudos futuros.

CAPÍTULO II: A TRANSIÇÃO PARA A COABITAÇÃO EM CASAIS DE ADULTOS JOVENS

Este capítulo será publicado sob forma de artigo e, portanto, não será incluído nesta versão.

CAPÍTULO III: A QUALIDADE CONJUGAL EM CASAIS QUE VIVEM A ETAPA DE FORMAÇÃO DO CASAL POR MEIO DA COABITAÇÃO

Este capítulo será publicado sob forma de artigo e, portanto, não será incluído nesta versão.

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação teve como objetivo compreender como casais de adultos jovens vivenciaram a experiência de coabitação. Para tanto, foi desenvolvido um estudo que derivou em dois artigos empíricos. O primeiro permitiu compreender como ocorreu o processo de transição para a coabitação de quatro casais, sendo esta a primeira experiência de co-residência com um par amoroso de todos os participantes. A partir da realização das entrevistas conjuntas e individuais, pode-se entender quais os principais motivos e expectativas que cada indivíduo nutria sobre a coabitação e como foi feito o seu planejamento. Notou-se que, a partir da co-residência, os indivíduos tiveram que se ajustar, fazer acordos e acomodarem-se mutuamente, a fim de lidar com as tarefas impostas. Conclui-se que esta é uma fase desafiadora para os casais, que exige flexibilidade de ambos os parceiros, e é mais facilmente atravessada quando os indivíduos completam as tarefas da etapa anterior do ciclo vital da família (emancipação do jovem adulto). Para os participantes, a coabitação foi considerada uma experiência positiva, que favoreceu o amadurecimento individual e relacional.

Este artigo destaca a importância de se considerar o início da etapa de formação do casal, a partir da coabitação. Deste modo, acredita-se que, desde uma perspectiva desenvolvimental, a coabitação deve ser incorporada como a primeira etapa do ciclo vital do casal para aqueles que a experienciam antes ou no lugar do casamento, fazendo coro ao que Menezes e Lopes (2007) sugeriram em meados dos anos 2000. A etapa de formação do casal, enfocada neste estudo, é muito importante para a trajetória da díade ao longo do tempo, já que os padrões formados no início da relação tendem a repercutir na dinâmica relacional posteriormente, tal como destacado no segundo artigo. Nele, oito casais em coabitação e sem filhos foram entrevistados conjuntamente. Optou-se por ampliar o número de participantes, o que implicou em incluir pessoas com experiência prévia de coabitação. A análise das entrevistas conjuntas possibilitou descrever como a qualidade conjugal se expressou em tais díades. Conclui-se que os casais apresentaram indícios de bons níveis de qualidade conjugal, ainda que estivessem enfrentando diversas tarefas relativas à etapa de formação do casal.

Ademais, a elaboração desta Dissertação permitiu verificar a importância de incluir a coabitação ao versar sobre a formação do casal e da família. Embora não tenha sido o foco deste estudo considerar casais com filhos, a popularização da coabitação implica um aumento de crianças nascidas em lares de coabitantes. A constituição familiar vai se modificando ao longo do tempo, o que torna tais estudos ainda mais complexos (Kroeger & Smock, 2014). Diz-se *ainda mais*, porque as investigações sobre formação conjugal e familiar já possuem uma

complexidade inerente, devido aos múltiplos significados que podem assumir (Sassler & Lichter, 2020). Assim, sugere-se que estudos futuros incluam pessoas em coabitação com filhos, por exemplo.

Além disso, a compreensão da influência da conjugalidade dos pais na conjugalidade dos filhos parece ser uma importante variável a ser investigada. Tendo em vista que envolve processos inconscientes, o acesso a esta variável se torna mais difícil. Durante as entrevistas, verificou-se um grande número de falas sobre as relações estabelecidas entre o casal e suas famílias de origem, bem como sobre a avaliação dos participantes acerca da conjugalidade de seus pais e padrastos/madrastas. Devido a restrições de tempo e recursos, não foi possível investigar esta variável neste estudo. Portanto, espera-se que este tema seja contemplado em investigações futuras.

Outro recorte oportuno a pesquisas futuras diz respeito à vivência dos casais em meio ao contexto da pandemia de COVID-19. Compreender, mais especificamente, os impactos deste contexto em cada membro do casal e na relação poderia beneficiar práticas clínicas com casais durante e após a pandemia, e, possivelmente, amparar a elaboração de políticas públicas voltadas à saúde mental e conjugal no período pós-pandemia. Nota-se, assim, que diversas perguntas foram suscitadas a partir da condução deste estudo, do mesmo modo que outras puderam ser elucidadas.

A exposição do grande número de demandas com as quais os casais se deparam ao longo dos dois artigos desta Dissertação contrasta com os mitos do amor romântico, disseminados na sociedade por meio de músicas, filmes, livros, etc. Esses mitos poluem o imaginário social acerca do que um casal recém-formado deve se deparar, tornando o enfrentamento dessas tarefas provavelmente ainda mais desafiador. Assim, investigar este tema dá luz a essas questões, ao mesmo tempo que pode favorecer a prática de profissionais que atuam com indivíduos em coabitação. Espera-se que tais profissionais se beneficiem da presente investigação e possam, conseqüentemente, contribuir para o bem-estar de casais que planejam compartilhar o seu espaço e a sua vida, ou mesmo que já estejam o fazendo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, R. L. M., & Almeida, L. S. (2015). Posicionamentos de homens em uma relação de coabitação. *Memorandum*, 29, 153–167. Retrieved from seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6301
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (pp. 843–860). Retrieved from https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Brown, S. L. (2004). Moving from cohabitation to marriage: effects on relationship quality. *Social Science Research*, 33(1), 1–19. [https://doi.org/10.1016/S0049-089X\(03\)00036-X](https://doi.org/10.1016/S0049-089X(03)00036-X)
- Brown, S. L., Manning, W. D., & Payne, K. K. (2017). Relationship quality among cohabiting versus married couples. *Journal of Family Issues*, 38(12), 1730–1753. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0192513X15622236>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (n.d.). Construção e evidências de validade da Escala de Qualidade Conjugal. *Psico-USF*.
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). “Namorido”: uma forma contemporânea de conjugalidade? *Psicologia Clínica*, 23(2), 117–135. Retrieved from www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022027008
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379–394. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 296–278. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423778014>
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 83–107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2007). Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In T. Féres-carneiro (Ed.), *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 251–268). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gold, J. M. (2012). Typologies of cohabitation: implications for clinical practice and research. *The Family Journal*, 20(3), 315–321. <https://doi.org/10.1177/1066480712449603>
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do

- casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, 41(1), 119–147.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161–182. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/2910/291045794009.pdf>
- Jose, A., Daniel O’Leary, K., & Moyer, A. (2010). Does premarital cohabitation predict subsequent marital stability and marital quality? A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, 72(1), 105–116. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2009.00686.x>
- Kroeger, R. A., & Smock, P. J. (2014). Cohabitation: recent research and implications. In J. Treas, J. Scott, & M. Richards (Eds.), *The Wiley-Blackwell companion to the sociology of families* (2nd ed., pp. 217–235). <https://doi.org/10.1002/9781118374085>
- Lamidi, E., Manning, W. D., & Brown, S. (2019). Change in the stability of first premarital cohabitation among women in the United States, 1983–2013. *Demography*, 56(2), 427–450. <https://doi.org/10.1007/s13524-019-00765-7>
- Manning, W. D. (2020). Young adulthood relationships in an era of uncertainty: a case for cohabitation. *Demography*, 57(3), 799–819. <https://doi.org/10.1007/s13524-020-00881-9>
- Manning, W. D., & Cohen, J. A. (2012). Premarital cohabitation and marital dissolution: an examination of recent marriages. *Journal of Marriage and Family*, 74(2), 377–387. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2012.00960.x>
- Manning, W. D., & Smock, P. J. (2005). Measuring and modeling cohabitation: new perspectives from qualitative data. *Journal of Marriage and Family*, 67(4), 989–1002. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2005.00189.x>
- Manning, W. D., Smock, P. J., & Fetro, M. N. (2019). Cohabitation and marital expectations among single millennials in the U.S. *Population Research and Policy Review*, 38(3), 327–346. <https://doi.org/10.1007/s11113-018-09509-8>
- Martín, T. C., García, T. M., & González, D. P. (2008). Matrimonio vs . unión consensual en Latinoamérica: contrastes desde una perspectiva de género. *III Congreso ALAP*, 1–21. Córdoba, Argentina.
- McGoldrick, M. (2016). Becoming a couple: the joining of families. In M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Eds.), *The expanding family life cycle: individual, family and social perspectives* (5th ed., pp. 259–279). London: Pearson.
- McGoldrick, M., Preto, G. N., & Carter, B. (2016). *The expanding family life cycle: individual, family, and social perspectives* (5th ed.). London: Pearson.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (4th ed., pp. 375–398). Porto Alegre:

Artmed.

- Menezes, C. C., & Lopes, R. de C. S. (2007). A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*, 17(1), 52–63. <https://doi.org/https://doi.org/10.7322/jhgd.19814>
- Oliveira, C. S. De, & Krug, J. S. (2011). E começaram a viver “felizes para sempre”: vicissitudes das etapas iniciais da formação de um casal. *Pensando Famílias*, 15(2), 11–30.
- Perelli-Harris, B., & Lyons-Amos, M. (2015). Changes in partnership patterns across the life course: an examination of 14 countries in europe and the United States. *Demographic Research*, 33(1), 145–178. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2015.33.6>
- Perelli-Harris, B., Mynarska, M., Berrington, A., Berghammer, C., Evans, A., Isupova, O., ... Vignoli, D. (2014). Towards a new understanding of cohabitation: insights from focus group research across Europe and Australia. *Demographic Research*, 31(1), 1043–1078. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2014.31.34>
- Pirani, E., & Vignoli, D. (2016). Changes in the satisfaction of cohabitators relative to spouses over time. *Journal of Marriage and Family*, 78(3), 598–609. <https://doi.org/10.1111/jomf.12287>
- Ramm, A., & Salinas, V. (2019). Beyond the second demographic transition: Cohabitation in Chile. *Journal of Comparative Family Studies*, 50(1), 75–97. <https://doi.org/10.3138/jcfs.041-2017>
- Ríos-González, J. A. (2011). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja ¿Crisis u oportunidades?* (2nd ed.). Madrid: Editorial CCS.
- Ríos, J. A. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja: ¿crisis u oportunidades?* (2nd ed.). Madrid: Editorial CCS.
- Ripoll-Nuñez, K. J., & Cifuentes Acosta, J. E. (2019). Compromiso, autorregulación e intimidad en parejas en cohabitación: un estudio exploratorio en Bogotá, Colombia. *Revista Colombiana de Psicología*, 28(2), 125–139. <https://doi.org/10.15446/rcp.v28n2.74632>
- Rogers, A. A., Willoughby, B. J., & Nelson, L. J. (2015). Young adults’ perceived purposes of emerging adulthood: implications for cohabitation. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 150(4), 485–501. <https://doi.org/10.1080/00223980.2015.1099513>
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. *Psicologia Em Pesquisa*, 10(1), 26–33. <https://doi.org/10.24879/201600100010044>

- Røsand, G. M. B., Slinning, K., Røysamb, E., & Tambs, K. (2014). Relationship dissatisfaction and other risk factors for future relationship dissolution: a population-based study of 18,523 couples. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *49*(1), 109–119. <https://doi.org/10.1007/s00127-013-0681-3>
- Rosenfeld, M. J., & Roesler, K. (2019). Cohabitation experience and cohabitation's association with marital dissolution. *Journal of Marriage and Family*, *81*(1). <https://doi.org/10.1111/jomf.12530>
- Sassler, S., & Lichter, D. T. (2020). Cohabitation and marriage: complexity and diversity in union-formation patterns. *Journal of Marriage and Family*, *82*(1), 35–61. <https://doi.org/10.1111/jomf.12617>
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. dos. (2015). Relações entre conjugalidade dos pais, conjugalidade dos filhos e bem-estar subjetivo. *Psico-USF*, *20*(3), 481–492. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200310>
- Smock, P. J., & Schwartz, C. R. (2020). The demography of families: a review of patterns and change. *Journal of Marriage and Family*, *82*(1), 9–34. <https://doi.org/10.1111/jomf.12612>
- Treas, J., Lui, J., & Gubernskaya, Z. (2014). Attitudes on marriage and new relationships: cross-national evidence on the deinstitutionalization of marriage. *Demographic Research*, *30*(1), 1495–1526. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2014.30.54>
- Wainberg, L., Pereira, C. R. R., Hutz, C. S., & Lopes, R. de C. S. (2010). O efeito da coabitação na satisfação conjugal. *Pensando Famílias*, *14*(2), 99–119.

ANEXOS

Anexo A – Relato dos casos apresentados no Capítulo II (Artigo 1)

Anexo B – Questionário sociodemográfico

Data de nascimento: ___/___/___

Sexo:

Feminino

Masculino

Outro: _____

Qual a sua cor e/ou raça autodeclarada?

Branca

Amarela

Parda

Indígena

Preta

Qual a sua religião? _____

Você se considera praticante desta religião?

Sim

Não

Considero-me ateu ou agnóstico

Nível de escolaridade completa:

Não frequentei a escola

Ensino médio

Não terminei o Ensino fundamental

Ensino superior

Ensino fundamental

Pós-graduação

Ocupação: _____

Quanto tempo (em horas) por dia se dedica a este trabalho? _____

Antes do distanciamento, você precisava sair de casa para trabalhar?

Sim Não

Atualmente, você precisa sair de casa para trabalhar?

Sim Não

Para fins de pesquisa, qual a sua renda pessoal?

Até 4 salários-mínimos

10 a 20 salários-mínimos

4 a 10 salários-mínimos

Acima de 20 salários-mínimos

Sobre o seu relacionamento amoroso:

Há quanto tempo iniciaram esta relação amorosa? ____ anos e ____ meses.

Há quanto tempo estão morando juntos? ____ meses.

Vocês residem com mais alguém, além do(a) parceiro(a)?

Sim Não

Se sim, com quem? _____

Houve alguma alteração na sua residência em função do distanciamento social (por exemplo, alguém se mudou para a sua casa ou teve que sair)?

Sim Não

Anexo C – Roteiro de entrevista semi-dirigida com o casal

Após a explicação dos objetivos, procedimentos e aspectos éticos da pesquisa e o aceite dos participantes, estes foram convidados a iniciar a entrevista. Esta entrevista foi iniciada com o seguinte *rapport*:

“Nessa entrevista, eu gostaria de conhecer aspectos relacionados ao dia a dia de vocês, expectativas, planos, entre outras coisas. Fiquem à vontade para me interromper a qualquer momento, seja para tirar dúvidas ou fazer um intervalo. Espero que vocês se sintam à vontade, mas, caso sintam algum desconforto ou constrangimento, lembrem-se de que podem deixar de responder qualquer pergunta que não queiram. Podemos começar?”

Pergunta inicial sobre a história do casal e o histórico de coabitação:

Conte-me um pouco da história de vocês. Como se conheceram?

Antes de estarem neste relacionamento, já tiveram outros relacionamentos? Algum de vocês já morou sozinho alguma vez? Já coabitou com outra pessoa (amigos, parentes)?

Perguntas exploratórias sobre o processo de decisão da coabitação:

Quando e como ocorreu a decisão de morar juntos? Houve alguma condição que contribuiu mais para a decisão?

Vocês se lembram das expectativas que tinham a respeito de morarem juntos? Quais eram?

No momento em que vocês decidiram ir morar juntos, como estava a vida profissional de cada um de vocês?

Vocês têm um marcador (ou data) para indicar quando iniciou a coabitação?

Perguntas exploratórias sobre a denominação social e aspectos culturais:

Como vocês se apresentam em público? E como nomeiam a relação de vocês?

Conhecem e convivem com outras pessoas que coabitam?

Perguntas exploratórias sobre a adaptação e vivência da coabitação:

Como foi o processo de adaptação à convivência diária? E como vocês descreveriam esta experiência de morar juntos?

Perguntas exploratórias sobre o tema das tarefas domésticas:

Com relação ao dia a dia... Existem acordos/regras estabelecidos para a realização das tarefas domésticas? Como foram feitos estes acordos?

Perguntas exploratórias sobre o tema do manejo do dinheiro:

Como vocês administram as finanças? Têm conta bancária conjunta?

Perguntas exploratórias sobre tempo de convívio e lazer:

Quanto tempo por semana, em média, vocês passavam juntos antes do distanciamento social? Aumentou a quantidade de tempo que passam juntos agora durante o distanciamento social?

Quais atividades desenvolvem juntos?

Conte como vocês organizam o lazer de vocês? O que fazem? Essas atividades costumam ser em casal, individuais ou vocês equilibram entre os dois?

Perguntas exploratórias sobre o manejo do conflito:

Vamos falar sobre os conflitos que todos os casais têm: Quais os motivos mais frequentes dos conflitos que vocês enfrentam? O que vocês costumam fazer quando têm uma briga?

Pergunta exploratória sobre o tema sexualidade:

Como vocês caracterizariam a sexualidade vivida por vocês?

Perguntas exploratórias sobre as famílias de origem e a conjugalidade dos pais:

Qual era a configuração da família de vocês quando crianças e adolescentes? E hoje, esta configuração se mantém?

Como descreveriam a interação das suas famílias (de origem) com vocês atualmente? Como é essa relação?

Como as suas famílias reagiram quando vocês anunciaram essa decisão (de ir morar juntos)?

Nas famílias de vocês, o casamento tem algum significado? Qual importância a sua família atribui ao casamento?

Como é/era a relação conjugal dos seus pais?

Vocês consideram que eles eram/são satisfeitos no relacionamento?

(Individual para cada companheiro): Quais os aspectos mais negativos que você acha que eles cometeram no casamento deles e que você tenta não repetir? E quais aspectos positivos que você gostaria de vivenciar na sua relação atual?

Perguntas exploratórias sobre a avaliação do casal sobre a própria relação:

O que mudou na relação de vocês desde que passaram a viver juntos?

Pensando nessa etapa que vocês estão vivendo de morar juntos, o que teve de mais positivo? E o que teve de mais negativo?

O quanto vocês estão satisfeitos com o relacionamento de vocês?

Perguntas exploratórias sobre os impactos do distanciamento social:

Nos últimos meses, o país adotou a medida de distanciamento social. Como foi esse momento para vocês?

O que mudou na relação de vocês, a partir da experiência do distanciamento social?

Quais foram os impactos/consequências para o seu relacionamento?

Quais os principais desafios enfrentados durante o distanciamento social? E, por outro lado, vocês consideram que aprenderam algo com essa experiência?

Houve mudanças na forma como se comunicam, durante o período de distanciamento social?

Perguntas exploratórias sobre os projetos para a conjugalidade:

Vocês têm planos e projetos futuros? Contem-me um pouco sobre eles, se são individuais, em conjunto etc.

Vocês têm vontade de oficializar a união? Já haviam conversado sobre isso antes? Se sim, já tinham esse desejo antes do início da coabitação?

Pergunta final aberta:

Finalizamos nossas perguntas, mas, se tiver mais alguma coisa que vocês desejam acrescentar que possa ajudar a compreender melhor este momento da vida de vocês como casal, fiquem à vontade para falar.

Anexo D – Roteiro de entrevista semi-dirigida individual

A entrevista individual objetivou aprofundar tópicos discutidos na entrevista anterior e possibilitar a avaliação da perspectiva individual de cada companheiro. Esta entrevista se iniciou com o seguinte *rapport*:

“Nessa entrevista, eu gostaria de retomar alguns pontos que conversamos na entrevista anterior e aprofundar outros. Fique à vontade para me interromper a qualquer momento, seja para tirar dúvidas ou fazer um intervalo. Espero que você se sinta à vontade e, como na entrevista anterior, relembro que caso sinta algum desconforto ou constrangimento, pode optar por não responder qualquer pergunta que não queira. Podemos começar?”

Perguntas revisitando a entrevista conjunta:

Como foi para você participar da última entrevista com o(a) seu(sua) companheiro(a)?

Vocês chegaram a conversar sobre os temas que discutimos naquela entrevista?

Teve algum tópico que gerou desconforto ou inibição por estar com ele(a) do lado?

Você gostaria de retomar algum tópico que conversamos naquela entrevista?

Aprofundando tópicos da entrevista conjunta:

“Eu vou te fazer algumas perguntas aprofundando um pouco o que conversamos na entrevista anterior. Mesmo que pareça um pouco repetitivo, às vezes a gente fala mais quando não está na presença do(a) companheiro(a)”:

Pergunta exploratória sobre possíveis facilitadores para a coabitação:

Você destacaria alguma experiência particular que você acredita que facilitou a sua vida a dois? E teria alguma experiência que hoje lhe traz dificuldades a sua vida a dois?

Perguntas exploratórias para os casais que têm PETs (para os casais que tinham PET):

Vocês falaram que têm um animal de estimação, né? Conte-me como foi a decisão de ter esse PET? De alguma forma, ele influencia na relação de vocês? Como?

Perguntas exploratórias sobre divisão das tarefas domésticas:

Vocês contaram como fazem a divisão das tarefas domésticas. Como você se sente com essa divisão? Sente que fica mais pesado pra alguém?

(Caso sinta que fica muito pesado): Consegue conversar com o(a) seu(sua) companheiro(a) sobre esse sentimento?

Pergunta exploratória sobre as finanças:

Como se sente em relação a participação de seu(sua) companheiro(a) nas finanças?

Perguntas exploratórias sobre o lazer e tempo de convívio:

Como você se sente com a organização das atividades de lazer de vocês? Gostaria de ter mais momentos juntos? Mais momentos individuais? Acha que passam tempo demais juntos?

Perguntas exploratórias sobre os conflitos:

Conversamos um pouco sobre os conflitos mais frequentes na última entrevista. Mas é comum que todo casal tenha algum conflito que é mais difícil de resolver. Então, eu gostaria de pedir para você lembrar a briga mais importante do relacionamento e como resolveram isso.

Perguntas exploratórias sobre satisfação sexual (exemplo de pergunta, pois a diminuição da frequência sexual foi recorrente entre os casais):

Explorando mais o tema da sexualidade, vocês disseram que a frequência diminuiu nos últimos tempos. Você se sente incomodado(a) com isso? Gostaria que a vida sexual de vocês fosse diferente? Sente que o(a) seu(sua) companheiro(a) se importa com a sua satisfação sexual?

Perguntas exploratórias sobre a relação com a família do(a) companheiro(a):

Como você avalia a sua relação com a família do(a) seu(sua) companheiro(a)? E como que você avalia a relação do(a) seu(sua) companheiro(a) com a família dele(a)? Tem algo que te incomoda? Tem algo que tu admira?

Pergunta exploratória sobre o contexto da pandemia:

Houve alguma alteração de sono, apetite, estresse, ânimo, ansiedade ou qualquer outro sintoma durante esse período?

Perguntas exploratórias para os casais que desejam casar:

Qual o significado do casamento para você? E você sabe qual o significado para o(a) seu(sua) companheiro(a)? Já conversaram sobre isso?

Perguntas exploratórias sobre os projetos e planos futuros:

Tem algum projeto teu, que tu deseja pra ti, que vocês ainda não conversaram? Você sente que os seus planos e projetos estão alinhados? Você já teve que abrir mão de algum projeto para estar junto do(a) seu(sua) companheiro(a)?

Pergunta investigando estratégias utilizadas para a coabitação:

Se tivesse que dar dicas a alguém que vai iniciar a coabitação, o que você diria?

Perguntas sobre experiências prévias com terapias:

Você já fez algum tipo de terapia?

Se o(a) companheiro(a) faz terapia:

O que acha do(a) seu(sua) companheiro(a) fazer terapia? Tem efeito na relação de vocês?

Perguntas individuais:

Perguntas exploratórias sobre a satisfação com o trabalho e com a vida:

O quanto você se sente satisfeito(a) com o seu trabalho e carreira profissional? Tem algo que deseja conquistar, nesse âmbito?

O quanto você se sente satisfeito(a) com a sua vida pessoal? É a vida que você desejava para você mesmo(a)?

Anexo E - Parecer do Comitê de Ética

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A experiência da coabitação, na etapa de formação do casal

Pesquisador: Adriana Wagner

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 30907520.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.143.492

Apresentação do Projeto:

Este estudo qualitativo, exploratório e transversal, realizado a partir de casos múltiplos, visa compreender como ocorre a formação de seis casais heterossexuais, que estejam coabitando, pela primeira vez, entre seis e 24 meses, a partir dos seguintes temas: organização das tarefas domésticas, manejo do dinheiro, lazer, manejo do conflito, famílias de origem, sexualidade, e projetos para a conjugalidade. Para tanto, serão realizadas entrevistas individuais com cada membro do casal, bem como aplicados dois questionários, a fim de explorar como os casais em coabitação vivenciam a etapa da formação conjugal. A emenda solicitada se refere a inclusão de dois objetivos específicos, a saber: Avaliar a qualidade conjugal dos casais participantes quanto a satisfação, compromisso, intimidade, atração e sexo, e carinho e afeto; Investigar os impactos do isolamento social na qualidade conjugal de casais que estão na etapa de formação do casal. Propoe ainda a inclusão de dois novos instrumentos de coleta: Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida (ETAS-R) e Escala de Qualidade Conjugal (EQC).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como os casais em coabitação vivenciam a etapa de formação conjugal.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 4.143.492

Objetivo Secundário:

- Descrever a estrutura da coabitação dos casais entrevistados no que se refere às principais tarefas da formação do casal, tais como: organização das tarefas domésticas, manejo do dinheiro, lazer, manejo do conflito, famílias de origem, sexualidade, e projetos para a conjugalidade;
- Investigar os motivos que sustentam a opção de coabitação e o processo de adaptação à convivência diária;
- Verificar a repercussão da conjugalidade percebida dos pais na relação conjugal dos casais em coabitação;
 - Avaliar a qualidade conjugal dos casais participantes quanto a satisfação, compromisso, intimidade, atração e sexo, e carinho e afeto;
- Investigar os impactos do isolamento social na qualidade conjugal de casais que estão na etapa de formação do casal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação nesta pesquisa implica em riscos mínimos aos participantes, podendo gerar algum desconforto suscitado pelos temas abordados na entrevista. Caso a participação mobilize afetos e sentimentos que caracterizem a necessidade de atendimento psicológico, será realizado acolhimento e, posteriormente, o encaminhamento a um serviço de atenção psicológica gratuito.

Benefícios:

Não estão previstos benefícios diretos com a participação na pesquisa. Entretanto, a participação neste estudo pode oportunizar a reflexão sobre a relação amorosa dos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto e seu adendo atendem aos requisitos do ponto de vista ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos, após realização dos ajustes solicitados, atendem os requisitos do ponto de vista ético.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Adendo aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Recomendamos a todos os pesquisadores do Instituto de Psicologia que avaliem os seus projetos de pesquisa em andamento e considerem os impactos da COVID-19 na continuidade de sua

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 4.143.492

realização.

Esta recomendação se aplica a todos os projetos de pesquisa. Devem ser avaliadas as situações de interação pessoal em coletas de dados e outras situações decorrentes da realização dos estudos.

Caso necessite de uma consultoria, o CEP do Instituto de Psicologia fica à disposição para discutir cada situação de forma pontual.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1558828_E1.pdf	15/06/2020 18:08:05		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Emenda_2.pdf	15/06/2020 18:06:26	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Outros	Outros_Correcoes.pdf	15/06/2020 18:05:01	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Cronograma	Cronograma_2.pdf	15/06/2020 11:38:35	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/05/2020 19:30:55	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	16/04/2020 10:06:36	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_compesq.jpg	15/04/2020 10:39:33	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Parecer Anterior	Compesq.pdf	14/04/2020 11:14:35	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	14/04/2020 11:11:58	GIOVANIA MITIE MAESIMA CUNHA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL



Continuação do Parecer: 4.143.492

PORTO ALEGRE, 08 de Julho de 2020

Assinado por:
Oriana Holsbach Hadler
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Página 04 de 04

Anexo F - Termo de consentimento livre e esclarecido

O Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está coletando informações para o projeto de pesquisa “A experiência da coabitação na etapa de formação do casal”. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os casais, que moram juntos, vivenciam a vida a dois. Nosso propósito é gerar conhecimento que contribua para a promoção de propostas que melhorem os níveis de saúde conjugal.

Para tanto, solicitamos a sua participação, respondendo a três breves questionários, uma entrevista com o casal e outra individual sobre a experiência de viver juntos. As entrevistas serão gravadas em áudio e têm duração média de 70 a 90 minutos. Todas as informações fornecidas por você serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e tratadas de forma confidencial. Assim, você não será identificado no final do trabalho e sua identidade será preservada. Os dados coletados serão armazenados por cinco anos, em local seguro na universidade. Vale indicar que você poderá desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para você.

A participação nesta pesquisa implica em riscos mínimos para você. Porém, caso sinta algum desconforto em relação a alguma pergunta realizada, poderá optar por não responder ou por retirar-se do estudo. Caso a sua participação gere algum desconforto, caracterizando necessidade de atendimento psicológico, nós nos asseguraremos de fornecer um acolhimento e encaminhá-la/o a um serviço de atendimento gratuito. Da mesma maneira, não estão previstos benefícios diretos com a participação na pesquisa. Entretanto, a participação neste estudo pode ser uma oportunidade de reflexão sobre sua relação amorosa.

Após ter sido informado sobre os objetivos da pesquisa, orientado quanto aos procedimentos envolvidos e sanado minhas dúvidas, assumindo não ter sofrido qualquer pressão para participar:

Eu, _____, declaro que aceito participar deste estudo, estando ciente de que minha participação é voluntária, não remunerada e passível de interrupção a qualquer momento, sem que isso acarrete prejuízos para mim. A pesquisadora Adriana Wagner e a mestrandia Giovania Mitie Maesima Cunha me certificaram de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, poderei entrar em contato com a pesquisadora Adriana Wagner ou com a mestrandia Giovania Mitie Maesima Cunha, pelo telefone (51) 3308-5322, ou, ainda, com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 3308-5698 – Email: cep-psico@ufrgs.br). Estou ciente de que o material

resultante da minha participação na pesquisa será guardado de forma não identificável pela pesquisadora na Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 226, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi uma cópia do presente termo de consentimento.

_____	_____	__/__/____
Nome do participante	Assinatura do participante	Data

<u>Adriana Wagner</u>	_____	__/__/____
Nome da pesquisadora	Assinatura da pesquisadora	Data